

revista de comunicação,
jornalismo e espaço público

7

Periodicidade
Semestral

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

mediapolis

tema

media, comunicação e género
media, communication and gender



*Elizângela Costa
de Carvalho Noronha*

Doutoranda em Ciências da Comunicação da

Faculdade de Letras da Universidade de

Coimbra (FLUC)

elize.noronha@gmail.com

ORCID: 0000-0001-8341-2016

Mother(Hood)ing

https://doi.org/10.14195/2183-6019_7_7

Resumo

Entre as diversas experiências humanas, poucas são alvo de tanta prescrição quanto a maternidade. Não faltam modelos, padrões e regras a serem seguidos por mulheres recém-chegadas a este universo, ou mesmo pelas mais experientes. Neste artigo, busca-se discutir a disputa de sentidos entre as noções de maternidade enquanto “natureza feminina” ou como “experiência feminina”. A partir da Análise Crítica Feminista do Discurso (Lazar, 2007) empreendida sobre Edição Especial da Revista Crescer, é possível demonstrar a devida distinção entre as noções de “motherhood” e “mothering” (O’Reilly, 2004).

Palavras-chave: maternidades; revista; natureza; discurso; gênero.

Abstract

Among the diverse human experiences, few are the focus of as much prescription as motherhood. There is no shortage of models, standards and rules to be followed by women who are newcomers to this universe, or even the most experienced. In this article, we try to discuss the dispute of meanings between the notions of motherhood as “feminine nature” or as “female experience”. Thus, it is sought to show the proper distinction between the notions of “motherhood” and “mothering” (O’Reilly, 2004), based on the Feminist Critical Discourse Analysis (Lazar, 2007).

Keywords: maternity; magazine; nature; discourse; gender.

*We were conspirators, outlaws
from the institution of motherhood.*

Adrienne Rich

Maternidade – Outra concepção

Percorrer as prateleiras de uma banca de revistas é mergulhar em um universo de concorrência. Uma breve observação é suficiente para perceber publicações sob os mais diversos títulos, acerca de assuntos variados e destinados a públicos heterogêneos. Entre publicações de moda, artesanato, decoração, culinária e horóscopos, a presença de “volumes para mães” ocupam espaços entre as “propostas de leitura para mulheres”. Este trabalho terá como foco a análise de uma revista deste segmento, denominada *Crescer*. Como a edição selecionada chega às bancas como um “Especial Gravidez”, o ponto de partida aqui adotado é investigar como a publicação propõe sentidos relacionados às noções de maternidade.

Para tanto, o percurso traçado neste artigo busca mostrar os movimentos de naturalização da maternidade – inclusive numa perspectiva feminista, a

partir de propostas ecofeministas; e apresentar a discussão entre as noções de *motherhood* e *mothering* – que diferem em seus significados como capacidade reprodutiva na primeira e experiência sócio-cultural na segunda. Cabe ainda a este artigo discutir os conflitos entre a mulher e a mãe, problematizando os discursos médicos/religiosos/naturalistas que buscam moldar padrões para as experiências da maternidade.

A partir dessa discussão, a análise dos textos em destaque na capa da publicação mostra discursos que exploram a maternidade como uma experiência: *natural/biológica*, na medida em que o instinto materno é dado como inato, por exemplo; *resiliente/altruísta*, já que a mulher precisa se conformar com as transformações do seu corpo provenientes da gestação; de *insegurança* para as mulheres e, portanto, *carente de prescrição* – sobretudo do ponto de vista médico; *festiva*, expressa a partir da *sublimação* e do *afastamento de quaisquer conflitos*; ou, em menor medida, como uma *experiência feminina* na qual cada mulher pode manifestar reações ou sentimentos diversos, no entanto, desde

que mantenha o *controle* e “não faça escândalos”.

Da natureza materna à maternidade desnaturalizada

Os aspectos biológicos têm sido historicamente utilizados como ferramentas das ciências naturais para classificar e categorizar os seres vivos entre espécies, classes e famílias. A partir da apropriação dessa noção de “natureza”, os humanos – autodeclarados como os únicos animais racionais – têm orientado tradições culturais e definido papéis sociais de acordo com as “características naturais” dos seres, inclusive entre os próprios humanos. Autoras feministas como Stacy Alaimo alertam, inclusive, que ao utilizar o biológico como parâmetro, passou a ser atribuído à parcela feminina da espécie humana um lugar degenerado, marcado por uma condição de subalternidade¹ e reduzido ao papel da reprodução biológica.

¹ O termo subalterno representa “as camadas mais baixas das camadas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação

Ao perceber o humano estritamente a partir de sua natureza biológica, incorre-se em um tipo de essencialismo, ou seja, numa convicção do senso comum utilizada para definir características a um indivíduo ou grupo, o que acaba por reduzir complexos processos de construção das práticas sociais a uma noção de que características, habilidades, atividades, papéis e valores são definidos como femininos ou masculinos com base em “atributos” biológicos. E, segundo Alaimo (2006), este é o ponto de partida para a consolidação dos dualismos (homem/mulher, natureza/cultura, mente/corpo, etc) responsáveis, em grande medida, pela manutenção da hierarquia de gênero, pois atribuem funções de maiores ou menores importâncias/reconhecimentos de acordo com o sexo.

Em contrapartida, a corrente do ecofeminismo defende o termo natureza como uma postura transformadora. Nessa perspectiva, a maternidade é apresentada como marcador da diferença de gênero e tem atribuído sobre

si um valor essencialmente feminino, como “instinto transcendental” inerente às mulheres de gerar e cuidar, sobretudo da Terra (Magalhães, 2010), já que o objetivo do ecofeminismo é propor uma consciência feminina fundada na estreita ligação entre humanos e natureza. Para tanto, reforçar as diferenças (sobretudo “naturais”) entre mulheres e homens e os contributos diferenciados de cada um é um ponto fundamental. “O corpo, como dado empírico, será sempre o lugar a partir de onde se simboliza” (Magalhães, 2010, p. 117 e ss.).

No entanto, esse ponto de vista vem sendo discutido por outras teóricas, escritoras e ativistas feministas exatamente por ser percebido como uma maneira essencialista de referir as questões de gênero. Nesse sentido, o ideal de maternidade (“*motherhood*”²) vem sendo utilizado por correntes ecofeministas como um arquétipo, ou seja, como retórica universal que atribui unicamente às mulheres a capacidade de cuidar e nutrir/criar a Terra. Dessa maneira, além de impor às mulheres

um compromisso incondicional de proteger e sustentar o ambiente (Lynn, 1994, p. 146 e ss.); a feminilidade passa a ser confundida como sinônimo da maternidade, apesar de muitas mulheres decidirem não ter filhos na contemporaneidade.

Segundo a autora, devido à sua natureza transcultural, a maternidade atua como arquétipo poderoso, já que figura como símbolo acima de questionamentos e distante dos conflitos sociais, culturais ou históricos presentes nas práticas cotidianas. Com isso, tornou-se um ideal romântico capaz de obscurecer as forças históricas e ideológicas que a moldaram e continuam a determinar padrões para “boas mães” ao prescrever práticas e julgar experiências. “O arquétipo maternal é um poderoso meio para transmitir a importância das relações de cuidado e devoção altruísta” (Lynn, 1994, p. 147 e ss.) e atribuir às mulheres a função de cuidar e criar como parte de um fenômeno “natural”, limitando as atitudes psicológicas femininas para o amor sem limites e para o auto sacrifício.

O reforço ao ideal da maternidade como natural, presente no

política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010, p. 12).

² Entende-se neste artigo a distinção entre *motherhood* e *mothering*. Essa diferenciação, no entanto, será abordada mais adiante.

ecofeminismo, contribui também para a manutenção da ordem social patriarcal, já que o arquétipo materno constrói uma analogia entre a reprodução biológica enquanto função feminina e os ciclos da natureza; e reafirma o contrato socialmente criado que as mulheres são quem detém os requisitos (não apenas biológicos) para serem mães, mas também os psicológicos, emocionais e ambientais (Lynn, 1994, p. 151 e ss.).

Dessa maneira, é parte de uma noção essencialista a corriqueira colocação de termos como “natureza feminina”, “Mãe Terra” ou “quinta essência da mulher”, por exemplo. Por isso, a perspectiva naturalista vem sendo combatida por teóricas, escritoras e ativistas feministas que entendem que o “conceito de mulher não é natural, mas cultural; não é atemporal, mas histórico; não é predeterminado, mas resultado da socialização” (Alaimo, 2006, p. 532 e ss.).

Nessa direção, as noções de maternidade vêm sendo discutidas por feministas de forma crescente nas últimas décadas. A distinção crucial entre “*motherhood*” e “*mothering*” (cf. *supra*) foi proposta pela autora

feminista Adrienne Rich e, segundo a leitura que Andrea O’Reilly faz do texto “*Of Woman Born*”, marcou a compreensão de que a experiência feminina/feminista da maternidade (“*mothering*”) difere da instituição impositiva e patriarcal da reprodução feminina (“*motherhood*”) (O’Reilly, 2004, p. 159 e ss.).

A partir desse posicionamento, as maternidades³ podem ser percebidas não mais a partir do local de opressão definido pela ordem androcêntrica, mas a partir de uma definição feminista que ressignifica a maternidade como fonte potencial de poder, considerando que as mães podem promover mudanças sociais de gênero ao socializar as crianças “nos termos de uma transformação do padrão tradicional da aculturação de gênero” (O’Reilly, 2004, p. 160 e ss.).

Ao deslocar a maternidade da “natureza” para a experiência feminina, as vozes da cultura e da história que

tanto naturalizaram a “*motherhood*” passam a ser discutidas e colocadas como dilemas a serem enfrentados pelas mulheres. Nessa perspectiva, o dilema inicial é como conciliar maternidade e autonomia individual, já que “a mulher assume a responsabilidade de comandar a família e ainda tem mais trabalho na reprodução e criação dos filhos. Essa dupla jornada restringe sua participação na economia, vida cultural e social; e atualmente é a principal fonte das desigualdades nas sociedades ocidentais” (Allen, 2005, p. 1 e ss.).

E, apesar de ser crescente – sobretudo nos países ocidentais e considerados desenvolvidos – o número de mulheres que optam por não ter filhos⁴, a tendência de identificar feminilidade com maternidade molda os ambientes em que as mulheres – indistintamente – vivem, estudam ou trabalham. Dessa maneira, Allen (2005, p. 2 e ss.) adota o termo “*maternalism*” para denotar a percepção de que o “instinto materno”

3 Cabe ressaltar que a tradução literal de *motherhood* e *mothering* para o português é maternidade. No entanto, em inglês, há a distinção de sentidos, sendo o primeiro relacionado à capacidade reprodutiva da mulher e o segundo com a noção de afetividade, de amor materno.

4 Segundo dados divulgados pela ONU/Brasil (disponível em: <https://nacoesunidas.org/apesar-de-baixa-fertilidade-mundo-tera-98-bilhoes-de-pessoas-em-2050/>), a taxa de natalidade global vem diminuindo nos últimos anos, sobretudo na Europa.

é visto como vocação feminina universal, uma missão moral ou um dever de cidadania. Essa ideia de instinto é para a reflexão feminista sobre a maternidade uma questão central, já que enseja a discussão sobre até que ponto a natureza e a cultura incidem sobre o comportamento materno.

Por afirmar que o “amor materno” não é um instinto inato e foi historicamente construído como forma de reservar às mulheres a responsabilidade resiliente do cuidado com os filhos, Badinter (1985) provocou intensas reações – sobretudo críticas – ao lançar o livro *“Um amor conquistado: o Mito do Amor Materno”*. “Aos olhos de muitos, não amar um filho é o crime inexplicável. E quem procura mostrar que esse amor não é indefectível é imediatamente suspeito de ser um insensato, ou um acusador injusto das mulheres do passado, ou ainda de interpretar propósitos e comportamentos em função de valores atuais” (Badinter, 1985, p. 13 e ss.).

Badinter (1985) defende que, para evitar que as crianças continuassem sendo enviadas para as amas-de-leite logo depois do nascimento, com quem permaneciam até os seis anos; uma

maneira encontrada por médicos – e reforçada pela influência das obras de Rousseau e Freud – foi determinar às mulheres o cuidado dos filhos, atribuindo-lhes uma missão “divina” (assemelhada à imagem da Virgem Maria), em nome do bem-estar social e da felicidade da família. Isso porque, nos séculos XVII e XVIII, era alto o índice de mortalidade nos primeiros anos de vida entre essas crianças.

Ao analisar o contexto contemporâneo, a filósofa percebe que a necessidade de convencer as mulheres acerca do instinto materno já não seria em nome da sobrevivência das crianças, dado que as taxas de mortalidade infantil são muito menores atualmente, mas sim em nome do bem-estar de crianças e adultos, além de contribuir para a harmonia social.

Ancorada na análise de sondagens de opinião, dados estatísticos e na leitura crítica de diferentes teorias relacionadas à maternidade, Badinter (2010) volta a problematizar a maternidade com o objetivo de demonstrar como o “instinto materno” vem sendo ressignificado na contemporaneidade por meio da coerção médica, religiosa e social. Para a autora, a maternidade

é vista por uma lente opaca, ou seja, ainda prevalece a visão restrita ao amor idealizado e que ignora sua outra face, feita de esgotamento, frustração, solidão e culpa – em medidas diferentes para cada mulher, claro. Mas, até para aquelas que se percebem infelizes, confessar o fracasso ou a frustração diante da maternidade é algo indizível.

Entre os efeitos relacionados a essa frustração estão: redução das taxas de natalidade⁵, aumento da idade média da maternidade, crescimento das mulheres no mercado de trabalho e diversificação dos modos de vida femininos, inclusive com novos modelos de casais sem filhos ou mulheres celibatárias, por exemplo. Em contra-ataque a esses indicadores, correntes naturalistas continuam

5 Em outubro de 2017, o Instituto Nacional de Estatística (INE) divulgou uma pesquisa mostrando que as mulheres residentes de Leiria e Coimbra são as que têm o primeiro filho mais tarde em Portugal, por volta dos 31 anos. O estudo, Retrato Territorial de Portugal, fez o levantamento durante o período de 2011 e 2016 e mostrou ainda que a idade média para a primeira gravidez aumentou em todo o território português (Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/interior/portuguesas-sao-maes-a-partir-dos-30-anos-5154167.html>).

propondo maneiras diversas de atualizar o “instinto materno”, numa “guerra subterrânea” que utiliza a ideia de natureza, biologia e essência feminina como principais armas.

Expressões dessa disputa entre “natureza” e “experiências” são exemplificadas pela autora na diabolização da ciência (com a corrente que associa as pílulas contraceptivas ao câncer, por exemplo), na rejeição às técnicas hospitalares (apesar da ressalva à violência obstétrica que tem feito mais mulheres optarem pelos partos naturais), nas campanhas para amamentação (mesmo com a diversificação e melhoria da qualidade dos leites artificiais), na não utilização de fraldas plásticas e na formulação de teorias como a do vínculo (*bond*), que defende o contato “pele com pele” logo após o nascimento como forma de despertar o instinto maternal e evitar danos irreversíveis às crianças.

Ao problematizar estas questões, Badinter busca desnaturalizar os discursos da saúde e da moral que ainda ditam moldes para a maternidade. Seu objetivo é demonstrar que existem maternidades, múltiplas, diversas. Sem determinismos biológicos, pressões

sociais, com olhar atento à história pessoal, cultural e ao percurso psicológico de cada mulher, talvez se torne possível tratar a maternidade longe da sublimação distanciada da realidade que ainda a encobre.

Dos conteúdos aos discursos

Para a realização deste artigo, propõe-se a utilização de ferramentas fornecidas pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2014) associada à Análise Crítica Feminista do Discurso (Lazar, 2007) como forma de identificar, selecionar e categorizar as marcas linguísticas relacionadas à construção acerca da maternidade com o objetivo de perceber as disputas de sentidos entre os discursos *médico/biológico*, *resiliente/altruísta*, *festivo/sublimação* e *prescritivo* sobre essa experiência.

O *corpus* selecionado para análise é composto por textos da Edição Especial nº 55, Ano 2017/2018, da Revista Crescer. Nela, será realizada a investigação nos textos destacados na capa da publicação, o que totaliza dez matérias distribuídas ao longo do volume. Este critério de seleção parte do entendimento que é a partir das

“chamadas” de capa que a publicação deverá ser escolhida entre suas possíveis futuras leitoras.

A Análise de Conteúdo é definida como um conjunto de técnicas de análise com foco nas comunicações e tem como trunfo a possibilidade de ser adaptável a um vasto campo de manifestação das comunicações e suas nuances. O seu objetivo é fornecer elementos para a realização de inferências a partir de invariantes de análise definidas na observação da regularidade no *corpus*.

Para o trabalho de identificação das categorias de análise, bem como para a interpretação dos mesmos, adota-se como lente de observação a problematização realizada pela Análise Crítica Feminista do Discurso, que busca “avançar em direção a uma compreensão do trabalho complexo do poder e da ideologia no discurso de sustentação (hierarquização) da ordem social de gênero” (Lazar, 2007, p. 141 e ss.). A autora parte da percepção de que gênero é uma categoria em intersecção com outras categorias como identidade social, etnia, classe social, identidade sexual e localização geográfica; e que a assimetria de gênero

assume múltiplas formas nas sociedades modernas, em diferentes níveis e vias distintas nas comunidades (Lazar, 2007, p. 142 e ss.).

Dessa maneira, a Análise Crítica Feminista do Discurso tem como objetivo buscar a justiça social e a transformação social do gênero. É uma perspectiva política a partir da qual se busca a desnaturalização das relações de gênero, de poder e ideológicas cristalizadas nos discursos. Para seu empreendimento, Lazar (2007) estabelece cinco princípios para uma *práxis* feminista discursiva.

O primeiro deles é o ativismo analítico feminista, que consiste na crítica aos discursos que sustentam a ordem social sexista e patriarcal e, portanto, favorecem os homens em detrimento das mulheres dentro do grupo social. O segundo princípio percebe gênero como estrutura ideológica, ou seja, divide as pessoas entre duas classes – homens e mulheres – e produz uma relação hierárquica de dominação e subordinação entre os sexos. A complexidade do gênero e das relações de poder é o princípio a partir do qual a luta entre interesses femininos e masculinos podem ser explicitadas de

diversas formas, dimensões e níveis nas variadas comunidades de práticas⁶. Neste princípio, a autora chama a atenção para as formas óbvias de assimetria de gênero, como a violência física contra as mulheres, o assédio sexual e a difamação das mulheres.

O quarto princípio diz respeito ao discurso para a (des)construção do gênero. A preocupação da Análise Crítica Feminista do Discurso a partir deste princípio é problematizar as comunidades de prática em suas ordens de gênero, ou seja, nos modos como definem como mulheres e homens falam e são textualmente representados; nas construções discursivas que definem as maneiras de ser mulher e de ser homem; e sobre as formas de masculinidade geram hierarquias de opressão sobre as mulheres nos mais diversos espaços.

6 O conceito é utilizado por Lazar, mas adotamos como referência para comunidades de práticas o texto de Penelope Eckert e Sally McConnel-Ginet que o define como “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas” (Eckert *et al.*, 1992, p. 103). Esta noção se aplica, neste trabalho, ao jornalismo – também considerado uma comunidade de prática.

A crítica reflexiva na *práxis* é o quinto princípio norteador da Análise Crítica Feminista do Discurso e tem como preocupação fomentar a conscientização para a inclusão efetiva das mulheres com a criação de oportunidades objetivas para uma participação justa na esfera pública. A partir destes princípios, a análise proposta neste trabalho busca identificar como são construídos discursivamente a noção de maternidade nos textos de destaque da Edição Especial nº 55, Ano 2017/2018, da Revista Crescer.

Análise do corpus

Nas fases de pré-análise e exploração do material, que consistem na escolha dos documentos a serem analisados, na formulação das hipóteses, dos objetivos e na definição das categorias de análise (Bardin, 2014), foi observada a presença recorrente de discursos que caracterizam a maternidade a partir de uma experiência *natural/biológica, resiliente/altruísta, festiva/sublime, de negação aos conflitos, de insegurança* para as mulheres, que deve ser mantida *sob controle, vivida entre mulheres, carente de prescrição*

e, em menor medida, uma *experiência feminina* diversa, particular. Estas são as categorias estabelecidas para a análise que segue.

Na categoria que atribui à maternidade valores *naturais e biológicos*, é possível perceber a utilização dos termos natural e normal como sinônimos. Desde que a mulher entenda seu papel de fêmea na reprodução (“*O trabalho de parto é um processo natural que demora algum tempo*” – p. 35), reconheça seus instintos (“*Para além da ligação entre mãe e filho*” – p. 74) e se perceba mamífera, um ser biológico em essência (“*Outros permitem que dê logo de mamar ao seu filho, uma vez que a sucção facilita a libertação da ocitocina*” – p. 40); a maternidade correrá dentro de um ideal natural/natural desejado (“*O parto é provocado quando a sua saúde e/ou a do bebé estão em risco*” – p. 40).

Enquanto *experiência resilitante e altruísta*, uma das categorias com maior registro de ocorrências no *corpus*, a maternidade é um misto de sofrimento e silenciamento. Ao mesmo tempo em que transformações no corpo, por exemplo, possam gerar insatisfações, estas devem ser compreendidas

com resiliência, sem questionamentos. (“*(...) para que as futuras mães aceitem a sua nova silhueta de forma mais confiante possível, durante os nove meses!*” – p. 24). Mesmo as dores do parto devem ser suportadas (“*(...) não corra para a maternidade às primeiras contrações*” – p. 35) com discrição (“*(...) quando sentir que vai ter uma contração, descontraia-se e respire fundo*” – p. 35) e será recompensada com o nascimento (“*Depois de permanecer entre 12 e 14 horas em trabalho de parto (...) ou cerca de sete horas (...), eis que chega a hora de o seu bebé nascer*” – p. 35).

A *sublimação* está associada também ao caráter *festivo* que a maternidade pode apresentar (“*(...) a notícia da ‘visita da cegonha’ é recebida pela futura mamãe com entusiasmo*” – p. 34). No entanto, mostra-se um instrumento de exaltação a um caráter espiritual, transcendental, resignificando uma experiência real (“*Assim que o seu filho sai, irá sentir uma sensação de alívio e, ao mesmo tempo, uma sensação de grande alegria. É um momento indescritível!*” – p. 43). Nos textos analisados, a maternidade também é apresentada

como uma *experiência* compartilhada entre mulheres (“*Normalmente, os preparativos são feitos pela mãe da grávida ou por uma amiga*” – p. 28), o que afasta a presença masculina desse universo e reserva somente às mulheres tal experiência.

A *sublimação* abre caminho a outra maternidade, que nega a existência de quaisquer conflitos que possam ameaçar a apreciação distanciada da vivência real. A partir do reforço às qualidades desejadas (“*Que grávida tão bonita!*” – p. 24), de “recursos” capazes de reduzir qualquer desconforto (“*Truques para ter uma ‘hora pequena’*” – p. 34) ou da minimização de insatisfações (“*Para muitas mulheres, essa pode ser uma experiência ‘menos simpática’*” – p. 69), são propostos sentidos de sustentação à maternidade como uma dádiva “sublime”, irretocável e inquestionável.

No entanto, a associação entre a insegurança da mulher diante da maternidade (“*(...) para que se sinta tranquila ao longo da gestação*” – p. 34) e a orientação *prescritiva* (“*(...) por isso damos-lhe alguns conselhos sobre a forma como deve encarar o seu novo estado e as alterações que deve fazer na*

sua rotina diária (...)” – p. 34) atuam como um sistema de retroalimentação que, ao mesmo tempo, expõe a insegurança causada por uma falta de conhecimento e reafirma a necessidade de consultar a revista em busca desse conhecimento apresentado, sobretudo, a partir do ponto de vista médico. Em alguns casos, há a sobreposição entre estas duas categorias de análise, já que diz a um só tempo como a mulher deve agir a partir de sua insegurança (“*Não se faça de forte*” – p. 35).

Em menor ocorrência, verifica-se a presença de representações da maternidade como uma *experiência feminina* (“*mothering*”), ou seja, diversa como as mulheres (“*As alterações são diversas e podem ser ‘sentidas’ de forma e intensidade diferente de mulher para mulher*” – p. 69) e vividas de acordo com suas escolhas (“*Não se iniba de mudar de opinião*” – p. 35). Porém, ainda nesses casos, há a presença da orientação *prescritiva*, desconfiança diante da multiplicidade de experiências (“*Se é verdade que todas as gestações são diferentes, o mesmo acontece com o momento em que se inicia o trabalho de parto*” – p. 42) e a necessidade de impor *controle*

(“*É claro que deve procurar conter-se e não fazer escândalo, mas se lhe apetece gritar, não se reprima*” – p. 35).

Considerações finais

Vimos neste artigo que a maternidade é uma entidade social construída ao longo da história e de acordo com a cultura em que está inserida. No Ocidente, vem sendo apresentada a partir de seus aspectos biológicos/naturais e, com isso, tem sido reforçada como um papel exclusivamente feminino na reprodução e criação dos filhos.

Como alerta a crítica feminista apresentada logo no início do texto, essa naturalização da maternidade é uma forma de atribuir aos aspectos biológicos a determinação dos papéis sociais para mulheres e para homens e, dessa maneira, reafirmar a hierarquia de gênero. Diante disso, discutir a maternidade a partir de um olhar feminista é perceber os dilemas e conflitos envolvidos nessa experiência.

Para tanto, desnaturalizar os discursos que ainda moldam suas práticas é um esforço – empreendido também neste artigo, ainda que sobre um *corpus* específico e

limitado – necessário para denunciar o caráter sexista, androcêntrico e patriarcal que vem sendo atribuído à maternidade. Dessa maneira, além de mostrar que a Revista *Crescer* em análise atribui à experiência da maternidade valores como “*biológico/natural*”, “*sublimação/altruísmo*” ou de “*insegurança*” e fragilidade para as mulheres, o presente artigo denuncia o favorecimento aos homens, em detrimento às mulheres, reservadas à obrigação de gerar e cuidar dos filhos e da Terra, como explicitado por vozes do ecofeminismo.

Ao afirmar que somente a voz da mãe tem a capacidade de acalmar o bebê e que logo após o nascimento ela poderá pegar o filho no colo como forma de “despertar o amor materno”, a Revista faz coro aos discursos biológicos/naturais, reforçados pela perspectiva médica, de que a maternidade transcende à experiência feminina e representa, na verdade, sua essência enquanto mulher.

Até mesmo ao sugerir a participação masculina quando afirma que “*papás e mamãs de primeira viagem ficam de rastos diante do mar de tarefas a desempenhar antes da chegada*

do bebê”, a publicação concede à figura masculina o papel de protagonismo na condução das decisões em família, numa ordem patriarcal. No entanto, é na ausência da fala dessa mulher que experimenta a maternidade ou que se depara com os conflitos provenientes dessa vivência, que os discursos androcêntricos se mostram mais eloquentes.

Somente em um dos dez textos analisados há a presença da mulher enquanto enunciadora. Em um quadro demarcado sob a rubrica “*Testemunho real*” e limitado às colunas mais à direita da página, no fim da reportagem; uma mulher não identificada no texto – nem por meio de fotografia – comenta porque decidiu fazer uma cirurgia íntima feminina, no qual afirma “*não sentir mais pudor nem reserva*” no ato sexual após a redução dos lábios vaginais. Nos demais textos, a Revista enquanto enunciadora jornalística assume o papel de apresentar as questões e propor “soluções” ao adotar discursos médicos para orientar e prescrever comportamentos, mas assumindo um lugar de poder e legitimação.

Na maior parte dos casos, as fotografias utilizadas são meramente

ilustrativas, ou seja, têm relação com o conteúdo tratado, mas não mostram pessoas entrevistadas. Essa utilização de imagens icônicas reforça a noção de maternidade como um arquétipo universal, uma entidade compartilhada socialmente e que se sobrepõe às experiências múltiplas individuais das mulheres.

REFERÊNCIAS

- Alaimo, S. (2016). Nature. In L. Disch & M. Hawkesworth (orgs.) *The Oxford Handbook of Feminist Theory* (pp. 531-550). New York: Oxford University Press.
- Allen, A. T. (2005). *Feminism and Motherhood in Western Europe 1890-1970. The Maternal Dilemma*. Palgrave Macmillan.
- Badinter, E. (2010). *O Conflito: a Mulher e a Mãe*, Tradução de R. Faria. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o Mito do Amor Materno*, Tradução de W. Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (2014). *Análise de Conteúdo*, Tradução de L. A. Reto & A. Piniheiro. Lisboa: Edições 70.
- Eckert, P. et al. (1992). Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In A.C. Ostermann (ed.) *Linguagem, Gênero, Sexualidade: clássicos traduzidos* (pp. 93-107). São Paulo: Parábola Editorial.
- Ibérico, F. (2017/2018). Voltar à forma física antiga. *Revista Crescer*, Edição Especial n.º 55, 68-71.
- Impala Multimedia Ed. (2017/2018). Que grávida tão bonita! *Revista Crescer*, Edição Especial n.º 55, 24.
- Impala Multimedia Ed. (2017/2018). Preparar o chá de bebê. *Revista Crescer*, Edição Especial n.º 55, 28-30.
- Impala Multimedia Ed. (2017/2018). 10 passos para um parto mais fácil. *Revista Crescer*, Edição Especial n.º 55, 34-35.
- Impala Multimedia Ed. (2017/2018). O (grande) dia do nascimento: Como calcular a data do parto. *Revista Crescer*, Edição Especial n.º 55, 36-37.
- Impala Multimedia Ed. (2017/2018). Já na sala de partos: É agora! *Revista*

- Crescer*, Edição Especial n.º 55, 38-40.
- Impala Multimedia Ed. (2017/2018). O bebé vai nascer. *Revista Crescer*, Edição Especial n.º 55, 42 -43.
- Impala Multimedia Ed. (2017/2018). O quarto ideal para o bebé. *Revista Crescer*, Edição Especial n.º 55, 78 -80.
- Lazar, M. (2007). Feminist Critical Discourse Analysis. *Critical Discourse Studies*, 4(2), 141-164.
- Lynn, M. (1994). Feminism, ecofeminism, and the maternal archetype: Motherhood as a feminine universal. *Communication Quarterly*, 42(2), 145-159.
- Magalhães, I. (2010). A instância corpórea do humano: Sexualidades e subjetividades, mulheres e ética. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 89, 111-125.
- O'Reilly, A. (2004). Mothering against Motherhood and the Possibility of Empowered Maternity for Mothers and Their Children. In A. O'Reilly (ed.) *From motherhood to mothering: the legacy of Adrienne Rich's of woman born* (pp. 159-174). New York: State University of New York Press.
- Soares, M. (2017/2018). Aliviar as cólicas: O rompimento dos primeiros dentes. *Revista Crescer*, Edição Especial n.º 55, 74-75.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o Subalterno Falar?*. Minas Gerais: Editora UFMG.
- Tarouca, M. (2017/2018). Truques para fotografar o seu bebé em casa. *Revista Crescer*, Edição Especial n.º 55, 76-77.

Anexo

TABELA DE ANÁLISE DO *CORPUS*

MATERNIDADES/EXPERIÊNCIA	DISCURSOS/AMOSTRAS
NATURAL/BIOLÓGICA	<p>“O trabalho de parto é um processo natural que demora algum tempo” – p. 35</p> <p>“(…) há a possibilidade de tomar o seu filho nos braços logo após o parto. O objetivo consiste em fomentar, desde logo, a relação entre si e o bebé” – p. 40</p> <p>“Outros permitem que dê logo de mamar ao seu filho, uma vez que a sucção facilita a libertação da ocitocina, uma hormona que favorece a contração uterina” – p. 40</p> <p>“O parto é provocado quando a sua saúde e/ou a do bebé estão em risco” – p. 40</p> <p>“(…) a sua voz irá deixa-lo (o bebé) tranquilo” – p. 40</p> <p>“Logo após a conceção e durante a gestação, o corpo da mulher passa (sic) inúmeras adaptações anatómicas, metabólicas e fisiológicas para permitir o normal desenvolvimento de uma nova vida” – p. 69</p> <p>“Para além da ligação entre mãe e filho” – p. 74</p>
RESILIENTE/ALTRUÍSTA	<p>“(…) para que as futuras mães aceitem a sua nova silhueta de forma mais confiante possível, durante os nove meses!” – p. 24</p> <p>“(…) frequentar um curso de preparação para o parto funciona como uma boa solução para resolver algumas dúvidas e aprender técnicas que poderão ajuda-la... quando as dores apertarem” – p. 35</p> <p>“(…) quando sentir que vai ter uma contração, descontraia-se e respire fundo” – p. 35</p> <p>“(…) ajuda a suportar melhor a dor” – p. 35</p> <p>“(…) não corra para a maternidade às primeiras contrações” – p. 35</p> <p>“O ideal será dar entrada apenas quando as contrações atingirem um ritmo regular ou se bolsa se romper” – p. 35</p> <p>“Depois de permanecer entre 12 e 14 horas em trabalho de parto (...) ou cerca de sete horas (...), eis que chega a hora de o seu bebé nascer” – p. 35</p> <p>“(…) procure descontrair no intervalo das contrações, para que consiga recuperar forças” – p. 39</p> <p>“O grande momento” – p. 39</p> <p>“(…) ser-lhe-à suturada a zona do períneo, caso tenha sido submetida à episiotomia” – p. 39</p> <p>“O corte cirúrgico que é feito na zona do períneo (...) é efetuado no momento da contração, pelo que não irá sentir qualquer dor” – p. 40</p>
FESTIVA/SUBLIME	<p>“A ideia (...) é mimar a futura mãe” – p. 28</p> <p>“Definir o tema é bastante divertido” – p. 28</p> <p>“(…) a notícia da “visita da cegonha” é recebida pela futura mamãe com entusiasmo (...)” – p. 34</p> <p>“Sabemos que o parto pode ser um dos momentos mais bonitos na vida de uma mulher (...)” – p. 34</p> <p>“O (grande) dia do nascimento” – p. 36</p>

	<p>“Assim que o seu filho sai, irá sentir uma sensação de alívio e, ao mesmo tempo, uma sensação de grande alegria. É um momento indescritível!” – p. 39</p> <p>“O momento em que vai ter o seu filho nos braços aproxima-se quando começar a sentir estes sintomas” – p. 43</p> <p>“Registar momentos únicos e inesquecíveis” – p. 76</p> <p>“A espera do primeiro filho é excitante e pode ser stressante” – p. 78</p>
CARENTE DE PRESCRIÇÃO	<p>“Basta seguir as indicações que se seguem” – p. 34</p> <p>“(…) por isso damos-lhe alguns conselhos sobre a forma como deve encarar o seu novo estado e as alterações que deve fazer na sua rotina diária (…)” – p. 34</p> <p>“Por isso, siga estes dez conselhos práticos que vão ajuda-la a estar preparada e a facilitar o parto” – p. 34</p> <p>“Coma de forma equilibrada” – p. 35</p> <p>“A futura mãe deve ter um cuidado especial com os alimentos que ingere e com a forma como faz as refeições” – p. 35</p> <p>“Inscreva-se num curso de preparação para o parto” – p. 35</p> <p>“São muitas as alterações estéticas depois da gravidez: gordura localizada, retenção de líquidos, alterações vaginais e a nível mamário, que podem ser facilmente resolvidas através de exercícios físicos bem como recorrendo a tratamentos estéticos” – p. 68</p> <p>“As alterações físicas transformam muitas mães mas existem soluções para todos esses problemas estéticos” – p. 68</p>
ENTRE MULHERES	<p>“Normalmente, os preparativos são feitos pela mãe da grávida ou por uma amiga” – p. 28</p>
NEGAÇÃO AOS CONFLITOS	<p>“Que grávida tão bonita!” – p. 24</p> <p>“Truques para ter uma “hora pequena”...” – p. 34</p> <p>“Pequenos pormenores podem fazer com que a gestação e o parto sejam encarados com mais naturalidade” – p. 34</p> <p>“10 passos para um parto mais fácil” – p. 34</p> <p>“De facto, avizinham-se momentos de grandes transformações na sua vida...” – p. 34</p> <p>“O parto deve se revelar uma experiência positiva” – p. 35</p> <p>“(…) pela primeira vez depois de meses, a mulher vai encarar o espelho sem um bebé na barriga e, ao ver seu reflexo, vê as alterações físicas que resultaram de nove meses de gestação” – p. 69</p> <p>“Para muitas mulheres, essa pode ser uma experiência “menos simpática”” – p. 69</p>
INSEGURA	<p>“Assim que engravidam, muitas mulheres assumem uma atitude radical, alterando por completo seu estilo de vida; outras, tornam-se ansiosas e inquietas, com receio do que as espera; e há ainda aquelas que continuam a comportarem-se como se nada se passasse” – p. 34</p> <p>“(…) para que se sinta tranquila ao longo da gestação” – p. 34</p> <p>“A insegurança e o receio do que pode acontecer no parto são dois sentimentos a evitar durante a gestação” – p. 35</p> <p>“(…) prepare o seu parto com uma pequena lista, que deve ser elaborada em conjunto com seu médico (…)” – p. 35</p> <p>“Para evitar confusões e ainda mais ansiedade (…)” – p. 35</p> <p>“(…) caso se sinta muito insegura, faça uma visita de reconhecimento (…)”</p> <p>“Não se faça de forte” – p. 35</p> <p>“Eslareça as dúvidas” – p. 35</p> <p>“(…) não se iniba de pedir ou perguntar algo” – p. 35</p>

	<p>“Peça a parteira que vá lhe explicando o que está a acontecer. Na verdade, o melhor calmante para esses momentos é ter consciência daquilo que vai acontecendo” – p. 35</p> <p>“É essencial calcular o tempo da gestação e a data provável do parto, pois são muitas as decisões que o seu médico vai tomar” – p. 35</p> <p>“Sem isso, o médico não pode seguir corretamente uma gravidez, pois não pode determinar, por exemplo, qual é a altura certa para fazer as ecografias ou como deve efetuar o controlo do peso da grávida” – p. 35</p> <p>“(…) solicite apoio (…)” – p. 39</p> <p>“(…) vai precisar de toda ajuda possível (…)” – p. 39</p> <p>“Fui mãe e agora?” – p. 68</p> <p>“Afundados no mar de tarefas a desempenhar antes da chegada do bebé, alguns papás e mães de primeira viagem sentem-se completamente de rastos!” – p. 78</p>
FEMININA	<p>“Não se iniba de mudar de opinião” – p. 35</p> <p>“(…) esqueça o orgulho e peça para lha administrarem” – p. 35</p> <p>“(…) nada a impede de manifestar as suas emoções e sentimentos” – p. 35</p> <p>“Se é verdade que todas as gestações são diferentes, o mesmo acontece com o momento em que se inicia o trabalho de parto” – p. 42</p> <p>“(…) as experiências são, de facto, muito diferentes” – p. 42</p> <p>“As alterações são diversas e poder ser “sentidas” de forma e intensidade diferente de mulher para mulher” – p. 69</p> <p>“Testemunho real” – p. 71</p> <p>“Eu fiz uma cirurgia íntima feminina” (único texto com entrevista às mulheres) – p. 71</p> <p>“(…) embora, ao mesmo tempo, com algumas reticências, principalmente quando se trata da primeira gravidez” – p. 34</p> <p>“(…) mas também um dos mais difíceis (…)” – p. 34</p>
SOB CONTROLE	<p>“Controle-se!” – p. 35</p> <p>“É claro que deve procurar conter-se e não fazer escândalo, mas se lhe apetecer gritar, não se reprima” – p. 35</p> <p>“Cirurgia e medicina estética após a gravidez” – p. 68</p>